

ESCRavidÃO E LIBERALISMO DO SÉCULO XIX NO BRASIL

Adriana Moraes Terra¹; Alice Camacho de Arruda²; Bianca Talissa Antunes Marotta³; Natalina Sebastiana Vieira Arnaud⁴; Terezinha de Jesus Valadares⁵; Antônio Carlos Machado Guimarães⁶; Luiz Carlos Andrade de Aquino⁷; Maurício Martins Alves⁸.

UNIVAP – Faculdade de Direito - terra.adriana@ig.com.br
 UNIVAP – Faculdade de Direito - alice.arruda@terra.com.br
 UNIVAP – Faculdade de Direito - bimar16@hotmail.com
 UNIVAP – Faculdade de Direito - natalinasvieira@gmail.com
 UNIVAP – Faculdade de Direito - tejovaladares@yahoo.com.br
 UNIVAP – Faculdade de Direito - guimarães@univap.br
 UNIVAP – Faculdade de Direito - aquino@univap.br
 UNIVAP – Faculdade de Direito - histau@uol.com.br

Resumo: Este artigo pretende mostrar a visão de Machado de Assis sobre o liberalismo e a escravidão presente na sociedade brasileira do século XIX e evidenciar as influências desta época presente nos dias atuais. A pesquisa baseou-se na leitura de livros, textos complementares, na webgrafia em sites relacionados ao tema em questão e na análise da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas sobre o liberalismo e a escravidão retratada na visão do autor. Percebe-se que Machado de Assis, utiliza seu estilo narrativo característico, sarcástico e irônico, para criticar a elite abastada e excludente do século XIX no Brasil. Este autor mostra a vida e os costumes da classe alta, as idéias de liberalismo da época e ao mesmo tempo o interesse pela continuidade do sistema de escravidão. A escravidão, apesar do estilo machadiano de não combater diretamente esse regime, aparece com bastante evidência e deixa clara a relação entre o liberalismo, o sistema escravocrata e as desigualdades sociais daquele século. As raízes deixadas por esse racismo são profundas e ainda perduram na sociedade atualmente.

Palavras-chave : preconceito. racismo. exclusão social. tráfico de negros.

Área do conhecimento: Direito, Literatura e Ciências Sociais.

Introdução

O Tema refere-se a escravidão e liberalismo do Século XIX no Brasil. Este artigo pretende mostrar a visão de Machado de Assis sobre o liberalismo e a escravidão presente na sociedade brasileira do século XIX e, ainda, evidenciar as influências desta época presente nos dias atuais.

A sociedade defendida pelo liberalismo prima-se pela livre iniciativa, democracia, liberdade de expressão, concorrência econômica, igualdade política e jurídica e pelas normas que a regem.

O poder autoritário dos reis, a sucessão dos poderes, a religião oficial era rejeitada pelo sistema liberal, pois neste período que antecede o liberalismo não ocorriam a transparência governamental e os direitos como: liberdade, justiça e igualdade para todos.

Alguns princípios do liberalismo surgem mesmo antes de Cristo. Com a vinda de Platão, em sua “obra”, que segundo ele o homem, (povo), é incapaz de decidir racionalmente seus deveres, é necessário ter um governo que se imponha, mas somente uma elite privilegiada estaria apta a escolher este governo. (Cobra, Q.2005)

Após um período de dormência o liberalismo ressurgiu na Inglaterra, onde toma grandes proporções.

Esse movimento inglês se expande pela França e pelas colônias americanas.

Quando assim fosse permitido ao indivíduo estruturar sua vida econômica e moral sem opressão do Estado as nações seriam mais evoluídas, principalmente com o término dos monopólios, do mercantilismo e do feudalismo, isso ocorrendo a partir do século XVIII.

Os estudiosos do marxismo fazem uma referência a Karl Marx em relação a sua opinião sobre a escravidão. Em uma carta escrita em 1846 ao seu amigo Pavel V. Annenhov em Paris Marx escreve:

“É a escravidão que tem dado valor às colônias, foram as colônias que criaram o comércio mundial, e o comércio mundial é a condição necessária para a indústria de máquinas em grande escala. Conseqüentemente, antes do comércio de escravos, as colônias emitiram, muito poucos produtos ao mundo velho, e não

mudaram visivelmente a cara do mundo. A escravidão é conseqüentemente uma categoria econômica de suprema importância”.(Liberalismo clássico, wikipédia.2008).

John Locke foi o precursor do liberalismo quando afirma que o indivíduo possui direito a liberdade e a propriedade.

Locke e outros escritores da época, com suas idéias liberais lucraram muito com o tráfico dos escravos. Dificilmente os liberais defendiam os escravos.

“O tráfico mais ativo do que nunca tinha nas autoridades, vistas grossas à pirataria que facultava o transporte de carne humana formalmente ilegal. As autoridades eram coniventes com o tráfico ativo que trazia milhares de africanos às fazendas e aos engenhos, na ilegalidade, desde o acordo com a Inglaterra em 1826 e a lei regencial em 1831”.(Bosi, Alfredo, 1988).

Esses acontecimentos provam que no passado havia uma imensa valorização do trabalho de poucos e a desumanização de muitos, havia uma visão preconceituosa e racista que desqualificava o trabalho braçal realizado pelo escravo escravo.

Metodologia

A pesquisa baseou-se na leitura de livros e textos, na webgrafia, em sites relacionados ao tema em questão e na análise da obra *Memórias Póstumas de Brás de Cubas*, de Machado de Assis, sobre o liberalismo e a escravidão retratada na visão deste.

Resultados

Na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis mostra o que realmente ocorria na elite brasileira daquela época. O estilo machadiano é característico, criticando com sutileza a escravidão vigente no século XIX. Com esta obra Machado inaugura sua segunda fase, considerada a mais realista, onde fica explícito o cinismo a hipocrisia, a forma cruel, sarcástica e irônica do autor-defunto. Brás Cubas. Este, por não ter conseguido nenhum sucesso na vida, tenta tê-lo na morte, com a idéia de criar um emplasto, que o tornaria imortal. Jovem, ainda vai para Europa fazer Direito em Coimbra, costume da época como sinônimo de superioridade e poderio na sociedade aristocrática, facilitando seu acesso a essa classe privilegiada. Seu passado na infância foi marcado pelo cinismo e arrogância em relação aos negros que trabalhavam para sua família. Aliás, o patrimônio da família Cubas, vinha do tráfico de negros. Aos seis anos de idade Brás

Cubas já demonstrava um certo preconceito em relação aos negros. Quebrou a cabeça de uma cozinheira negra, por não lhe ter dado uma colher de doce de coco. Fora isso, ainda não satisfeito jogou cinzas na panela e disse a sua mãe que a negra teria estragado o doce propositadamente.

Seu companheiro de infância, um negro chamado Prudêncio, não era para ele um ser humano, mas sim um animal que lhe servia de montaria, ao qual dava-lhe chicotadas.

Prova de tal desvalorização dos negros como ser humano ocorre por volta do falecimento do pai de Brás Cubas, onde estes são divididos entre os irmãos Cubas e Sabina, como objetos, como coisas, motivo inclusive de desavenças entre eles. Outra evidência, é que a chegada de navios negreiros, era falada, “à boca pequena”, como numa festa em que comemoravam a queda de Napoleão, um sujeito recebera, uma carta de Luanda, onde dizia “ter negociado cerca de quarenta cabeças” e mais “cento e vinte negros, que estavam por chegar”. Mas não podia ler naquele momento.

Quando mais tarde ele encontra Prudêncio um ex-escravo de seu pai, já alforriado, o vê chicoteando outro escravo, pois este se tornara proprietário de uma casa de comércio de negros.

Outro fato que se vê em relação à escravidão, é o enriquecimento de Damasceno e Cotrim, seu cunhado, com o tráfico de negros, “Era cruel com os escravos e os tinha largamente contrabandeados”.(Bosi, 2006).

Brás Cubas não tinha somente preconceito contra o negro, mas a tudo aquilo que fugia a regra que a sociedade ditava no momento. Eugênia, moça bonita, porém feita na moita, era rejeitada devido a sua procedência e por ser coxa de nascença, “aleijadinha”. Brás Cubas por ser crítico, cínico não queria ter ao seu lado alguém com defeitos: flor da moita e coxa.

Seu preconceito extrapolava a tudo e a todos, via até na borboleta preta uma forma de exclusão social, pois se a mesma fosse azul seria aristocrática. Na obra machadiana, a presença do liberalismo e do racismo conviviam juntos, o negro era tratado como mercadoria, principal produto de comércio desta época que foi de grande valia para os senhores de terra que obtinham grande lucro antes mesmo de se apropriar do trabalho braçal dos negros. Os negros viviam em circunstâncias bastante desfavoráveis, tentando adaptar-se para sobreviver, sob forte pressão de castigos violentos, que faziam parte da condição servil.

Discussão

“Em nosso país a abolição da escravatura foi demorada, pois era um meio rentável, da mão de obra barata, usufruída pela metrópole e pela elite abastada, brasileira. Eram poucas as famílias que

compravam terras, latifúndios e iam viver de rendas e da concentração de riqueza, na intermediação e distribuição de produtos e escravos. Não havia uma infra-estrutura que criasse mercado, mas apenas uma economia de subsistência. Isso contribuía para perpetuação da Aristocracia Imperial. No Brasil independente, as elites continuaram a reproduzir por séculos a estratégia da exclusão social, acostumando-se a usufruir a renda expropriada do trabalhador escravo, primeiro, e ao trabalhador de salário mínimo, depois. É o que explica a desigualdade na distribuição de renda entre os séculos XIX e XX” (Gonçalves, 2005). Foram muitos anos até a promulgação da Lei de Extinção do Tráfico, em 1850, onde o Brasil continua com um tráfico proibido, intenso, trazendo os africanos em acordos proibidos. Somente quando se resolveu a questão fundiária da Lei de Terras do mesmo ano, é que houve a extinção total do escravismo, decretada em 1888, quando a imigração de trabalhadores europeus foi intensa.

Os países europeus que fizeram sua revolução industrial, necessitavam não só de matéria prima, mas também de mercado consumidor para seus produtos, daí forçarem o Brasil a libertar seus escravos, tornando-os assalariados afim de que fosse possível o comércio entre os países, e com maiores lucros.

“Segundo Florestan Fernandes, a Abolição, foi um “negócio de brancos” para desapontamento do movimento negro. Os negros das senzalas, das casas grandes, e dos sobrados celebravam festivamente a emancipação legal.

Houve a distribuição do sistema colonial que norteou por muito tempo a sociedade brasileira. Era o começo da conquista hegemônica de uma classe que se encontrava submissa às imposições do capitalismo”. (Brazil, 2005). O negro é livre, porém sem nenhuma condição de sobrevivência, sem moradia, sem emprego, sem comida, é uma escravatura disfarçada.

A classe política brasileira articulava a ideologia liberal como prática escravagista, que trabalhou pela Independência e pelo novo Império entre 1831 e 1860.

Essa sociedade atuou eficazmente em todo período de construção do Brasil como Estado autônomo, mas de fundo conservador capazes de levar a propriedade fundiária e escrava até o seu limite.

O comércio franqueado às nações amigas não surtiu efeito na força de trabalho, que continuava escrava (economia argoexploradora) e a nova prática mercantil pós-colonial se honrava com o nome liberal. Durante a primeira metade do século XIX, o sistema político brasileiro, não só, se sustentou: liberalismo mais escravismo. (Bosi, 1988).

“Existia uma hierarquia entre os escravos, o que é fato sabido. Um pequeno segmento - feitores e capatazes, mestres de açúcar e artesãos qualificados, servidores domésticos - gozava de privilégios, nos limites da condição servil. Com a promessa de alforria, esta minoria, depois de libertos, favorecidos adquiriam escravos e os exploravam”. (Gorender, p.35, 1991) . Aqui nos lembramos de Prudêncio, que tão sutilmente Machado de Assis nos relata.

O Professor Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, Professor do Departamento de Sociologia da USP, faz diversas citações importantes sobre racismo:

[1] “Com o processo da abolição, antecedeu-se naturalmente uma desagregação da ordem servil, e o “problema negro”, foi-se constituindo naturalmente e com ele um novo conteúdo de preconceito. Nesse processo de “preconceito de cor ou de raça” é nítido como representação social que toma a cor e outros atributos, arbitrariamente, como fonte para seleção de estudo sobre o “Preconceito de cor e racismo no Brasil” faz qualidades estereotípaveis”. (Cardoso, 1962, p.281).

[2] “Reitner, em sua dissertação, analisa obstáculo saliente para a consolidação da democracia no Brasil, qual seja a exclusão racializada profundamente enraizada na sociedade. Tal exclusão tornou-se “norma” na sociedade brasileira, e faz parte do senso comum ordinário. A brancura simbólica, tem sido utilizada pelas elites, para justificar os seus próprios privilégios e para excluir a maioria dos brasileiros de seus direitos de cidadãos plenos e iguais” (Reitner, 2003,p.IV).

[3] “De acordo com Florestan Fernandes, na Integração do Negro na Sociedade de Classes : “as relações raciais existentes como ela se apresenta em nossos dias, poderia parecer que a desigualdade econômica, social e política, existente entre o “negro” e o “branco”, fosse fruto do preconceito de cor e da discriminação racial a análise histórico-sociológica patentes, porém, esses mecanismos possuem outra função: a de manter a distância social e o padrão correspondente de isolamento sócio-cultural. Portanto, qualquer que venha a ser, posteriormente, a importância dinâmica do preconceito de cor e da discriminação racial, eles não criaram a realidade pungente que nos preocupa. Esta foi herdada, como parte de nossas dificuldades em superar os padrões de relações raciais inerentes à ordem social escravocrata e senhorial. Ambos não visavam, desde a abolição, privilégios para beneficiar a “raça branca” e sim por função defender as barreiras que resguardavam, estrutural e dinamicamente, privilégios já estabelecidos e a própria posição do “branco” em face do “negro”, como raça dominante ” (Fernandes, 1965, p.193-4). (www.scielo.br/scielo.php)

Conclusão

O objetivo deste artigo foi mostrar a visão de Machado de Assis sobre o liberalismo e a escravidão presente na sociedade brasileira do século XIX e, ainda, evidenciar as influências desta época presente nos dias atuais.

Após pesquisa, análise e discussão relatadas anteriormente pode-se afirmar que ainda hoje perdura o racismo, o preconceito e a exclusão social vivida no passado, porém muitas vezes mascarada pela modernidade que utiliza meios lícitos, como processo seletivo para ocupação de cargos no emprego, enfim, dentre tantos outros meios para fazer uso de tais idéias inferiores, e que após tanto tempo o negro ainda tem que lutar pelos seus direitos e pelo fim da discriminação no Brasil atual.

Referências

[1] ASSIS, MACHADO DE – Memórias Póstumas de Brás Cubas, Coleção Clássicos da Nossa Literatura, Ed. Ciranda Cultural - 2007.

[1] GORENDER, JACOB – A Escravidão Reabilitada, p.35; Editora Ática – 1991.

[1] GONÇALVES, ADELTO – O Arcaísmo como Projeto, Resenha – 2005 – Disponível em <http://blog.comunidade.net/adelto/index.php>

[1] BOSI, ALFREDO – Três Dimensões de Brás Cubas em Três Versões – Estudos Machadianos, p. 22- 52 , Companhia das Letras, 2006. SP.

[2] BOSSI, ALFREDO – A Escravidão Entre Dois Liberalismos – Revista Estudos Avançados, V.2, n.3, São Paulo; USP, Set/ Dez de 1988.

[3] GUIMARÃES, ANTÔNIO SÉRGIO ALFREDO, Preconceito de Cor e Racismo no Brasil – Revista de Antropologia, V.49, n.1, São Paulo – Disponível em www.scielo.br/scielo.php
Acessado em 21/05/2008.

[3] BRAZIL, MARIA DO CARMO – Lei Áurea : Signo de uma Revolução Social – Artigo Publicado no Jornal O Estado do Mato Grosso do Sul, “Opinião”, p.4, 19/05/2005 – Disponível em www.yahoo/searchresultadodebusca.

[5] WIKIPÉDIA, a Enciclopédia Livre – Liberalismo Clássico – <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Liberalismo>
Acessado em 20/04/2008.

[5] COBRA, RUBENS QUEIROZ – Liberalismo – Cobra Pages, Páginas em Educação e Cultura –